

## Capítulo 4

### AS ANDANÇAS PAULISTAS

**E**m 1754 Pedro Franco Quaresma, Francisco Vieira da Costa e Manoel de Siqueira Gil, genro deste último, residentes no Caminho de Goiás, enviaram petição a José Luis de Brito Melo, ouvidor-geral de São Paulo, na qual declaravam que há três anos, portanto em 1751, descobriram vestígios de ouro para as partes da Campanha da Boa Esperança (região do Desemboque), solicitando tempo mais extenso para a exploração, pois a falta de mantimentos e muitas águas os fizeram retroceder dos socavões. Estavam eles informados de que certos sujeitos tinham entrado ou queriam entrar pela mesma picada a socavar os mesmos rios, o que não podiam fazer, por serem os suplicantes os primeiros exploradores e terem feito grandes gastos. Pediam, pois, inclusive, não serem perturbados por outros quaisquer sujeitos, pena de se proceder contra eles como fosse de justiça e de direito. A 14 de junho de 1753 foi registrado no Arraial de N. S. da Conceição, o despacho favorável do desembargador e ouvidor-geral da cidade de São Paulo e sua comarca, José Luis de Brito Melo, que em observância do seu mandato, determinou fossem castigados os que perturbassem os suplicantes com as penas que são impostas aos perturbadores da extensão do real domínio. O despacho é de São Paulo, a 28 de agosto de 1754<sup>1</sup>.

O Cap. Pedro Franco Quaresma, que já havia estado em Goiás em busca de ouro<sup>2</sup>, entrou em 1755 pelo distrito ao sul do rio Grande, no chamado “Sertão do Rio Grande”, entre a estrada dos Goiases e o rio Sapucaí. A 7 de outubro daquele ano a Câmara de Jundiá tomava posse, para a Capitania de São Paulo, “do sertão do rio Grande, paragem chamada Borda do Mato<sup>3</sup>, descoberto de Pedro Franco Quaresma, de minas de ouro em o qual andava ele dito em diligência de descobrir ouro”<sup>4</sup>.

Este é o primeiro ouro da região, que se supõe no rio das Canoas, distrito da atual cidade de Mococa.

Já a quatro de março do mesmo ano, Inácio Pais de Oliveira, presbítero do Hábito de São Pedro, havia tomado posse, em nome do Bispo de São Paulo, D. Frei Antônio da Madre de Deus Gaurão<sup>5</sup> do descoberto e arraial de N. S. da Conceição do Rio Grande, à margem do rio do mesmo nome, na divisa atual ao norte com Minas Gerais<sup>6</sup>.

Quem era Pedro Franco Quaresma? Num livro de Atas da Câmara de Jundiá (1749-1823), encontramos à pág. 93, com data de 2 de janeiro de 1763, um termo de eleição que fizeram os oficiais da Câmara, por ordem do Dr. Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca para juízes e escrivão, para servirem nas Novas Minas do Emboque, sendo escolhidas as seguintes pessoas, a saber:

---

<sup>1</sup> - Livro n.º 12 do Cartório de 1.º Ofício de Jundiá, pág. 245.

<sup>2</sup> - Docs. Ints., XI, pág. 71.

<sup>3</sup> - Borda da Mata, ou Borda do Mato, é o local do primeiro registro do Rio Pardo, e estava situado no atual município de Mococa, às margens do Ribeirão das Canoas.

<sup>4</sup> - Docs. Ints., XI, pág. 63.

<sup>5</sup> - D. Frei Antônio da Madre de Deus Gaurão foi segundo bispo de São Paulo, confirmado por bula de 17 de março de 1764 (Azevedo Marques, “Apontamentos Históricos”, 1.º vol. Pág. 69) O nome exato, como o escrevemos é “Gaurão”, mas nós encontramos geralmente grafado “Galvão”, por um lapso de leitura. Residiu no antigo Colégio dos Jesuítas (Pátio do Colégio) de 1760 a 1764. Em seguida o prédio foi residência de D. Luís Antônio de Souza, de 1765 a 1775.

<sup>6</sup> - Docs. Ints., XI, pág. 64.

### **Para Juizes**

Pedro Franco Quaresma, capitão.....	18 votos <sup>7</sup>
Cap. Manoel Rodrigues de Araújo Belém.....	3 votos <sup>8</sup>
Cap. João Machado do Prado.....	2 votos
Cap. Manoel Ferreira da Silva.....	1 voto
O licenciado José Pedro da Silva.....	1 voto
Domingos Rodrigues do Prado.....	4 votos

### **Para escrivão –**

O licenciado Manoel Ferraz Xavier de Lacerda	
Matias de Souza Murça.....	8 votos
Pedro Lourenço.....	6 votos

A pág. 9 do mesmo livro, com data de 20 de abril de 1763, há o termo de eleição de novos juizes e escrivão para o Novo Descoberto do Desemboque, São João (Jacuí) , Santa Ana e mais descobertos daquele continente saindo eleitos: capitães Pedro Franco Quaresma e Manoel Rodrigues de Araújo Belém; escrivão – Matias de Souza Murça.

No livro de Correição da Câmara de Jundiáí, anos de 1744/1828, está lavrado o seguinte termo de posse e juramento dado aos oficiais do Arraial do Novo Descoberto, sendo por eleição feita em a Vila de Jundiáí:

“Aos dezessete dias do mês de julho de mil setecentos e sessenta e três anos, neste Arraial do Novo Descoberto de Nossa Senhora da Conceição do Ribeirão de São Pedro de Alcântara e Almas, Comarca da cidade de São Paulo, e sendo aí em casa de aposentadoria do juiz Ordinário o cap. Francisco Barreto Leme, estando aí presentes para servirem de Juiz Ordinário o cap. Pedro Franco Quaresma e o cap. João Pires Rodrigues e para Almotacé José Antonio Lobo de Melo e o cap. Domingos Rodrigues da Silva; Escrivão público o licenciado Matias de Souza Murça, aos quais se deu posse e juramento o dito juiz aos oficiais novos em virtude das usanças que apresentou para servirem a dita ocupação e logo pelo dito Juiz foi deferido o juramento dos Santos Evangelhos sob um livro deles em que puzeram suas mãos direitas sobrecargo do qual encarregou o dito Juiz servirem sua ocupação bem e verdadeiramente guardando todo segredo da Justiça e em tudo zelarem da fazenda e servir ao Conselho de Sua Magestade por eles sobrecargo do qual juramento receberam assim o prometeram fazer de que mandaram fazer este termo em que assinaram todos. Eu, Francisco Xavier de Almeida, escrivão que o escrevi, Barreto, Pedro Franco Quaresma, João Pires Róis, José Antonio Lobo de Melo, Matias de Souza Murça, Domingos Róis da Silva”.

Nos Autos de Diligência Policial de 1742/1783 assinala-se o nome da localidade como Arraial de São Pedro e Almas do Emboque.

Segundo Mário Mazzuia<sup>9</sup>, São Pedro de Alcântara e Almas é o mesmo Jacuí, sendo o Arraial erguido em terreno doado por Antônio Alves da Costa, em cumprimento de uma promessa feita a São Pedro de Alcântara.

Lê-se à pág. 98 do vol. XI dos Docs. Ints. que o nome correto do local conhecido pelo vulgo de Desemboque era São João do Sapucaí.

No livro de correição dos anos de 1744/1828, da mesma Câmara, pág. 44, com data de 22 de maio de 1763, encontra-se o termo de eleição e juramento dado ao capitão Domingos Rodrigues da Silva para servir de almotacé no Arraial de N. S. da Conceição do Rio Grande e

<sup>7</sup> - É certo que Pedro Franco Quaresma esteve no Sertão de Jacuí (Docs. Ints., XI, págs. 63 e 382), e em todo o mais sertão por ele abaixo.

<sup>8</sup> - Belém era português.

<sup>9</sup> - Mario Mazzuia, “Jundiáí Através dos Documentos – Opúsculo”, 1977, págs. 14, 15.

de São Pedro de Alcântara e Almas. E na pág. 101, com data de 18 de março de 1764, anotou-se que estavam nos cargos de juiz o capitão Pedro Rocha e Francisco Bueno Pedrosa<sup>10</sup>.

Em 1761 o padre Marcos Freire de Carvalho tomara posse do Desemboque por ordem do bispo de S. Paulo, D. Frei da Madre de Deus Gaurão<sup>11</sup> e foi possuir também o rio São João, a quem os bandeirantes das Gerais puseram o nome de Jacuí. No Desemboque, logo abaixo do rio São João de Jacuí, que faz barra no rio Grande, andava Pedro Franco Quaresma.

Por esses sertões penetrara também Veríssimo João de Carvalho, descobridor e fundador de Cabo Verde. Todo o território era considerado paulista, com posse civil e eclesiástica (Cabo Verde somente no eclesiástico).

Em 14 de junho de 1763 foi registrada em Jundiá, outra petição de Francisco Vieira da Costa e de seu genro Manoel de Siqueira Gil, dirigida ao ouvidor geral José de Souza Filgueiras, na qual informavam estarem no sertão do Rio Grande, na paragem adiante do Desemboque, distrito da comarca de São Paulo, pela parte que confina com a do Rio das Mortes, na diligência de descobrir minas de ouro para utilidade da Real Fazenda e seus vassallos, e por que na “dita diligência tem descoberto o ribeirão chamado São João, que tem ouro em vista do exame em todo ele e nas vertentes e contravententes, guapiaras e chapadas e morros do dito terreno e por que receiam que outras pessoas os queiram indevidamente perturbar na dita diligência, sem embargo de serem os suplicantes os primeiros que têm tomado o dito terreno e descoberto no dito ribeirão e necessitarem do despacho para exame preciso, pedem seja servido nomeá-los cabos de bandeiras desta ou diversa Comarca e fazendo o tempo se estes acharem pinta rica, virão logo a manifestação para se cobrar e fazendo o contrário serão punidos com as penas do Regimento. O despacho é datado de São Paulo, a 27 de abril de 1760 e assinado pelo desembargador e ouvidor-geral José de Souza Filgueiras.

No livro 12, pág. 247, do mesmo Cartório do 1º ofício de Jundiá, encontra-se registrada outra petição de Francisco Vieira da Costa, na qual se lê que ele tem feito, ao pé da Boa Esperança, junto ao Rio Grande, no caminho das ditas minas nesta comarca, experiências diligências e tem alcançado haver alguma cousa que pode resultar em maior conveniência à real Fazenda e não pode averiguar o que isto possa ser sem maior diligência por falta de pessoas que queiram se meter no sertão, em virtude de ter encontrado ao pé de uma serra, da parte donde se têm feito as diligências, vestígios de estar um grande quilombo de negros fugidos, os quais impedem o poder-se fazer as experiências necessárias. E para que não lograsse outro o fruto do seu trabalho, requereu mais tempo para as diligências, o que lhe foi concedido pelo ouvidor-geral José de Souza Filgueiras, em 27 de abril de 1760. O documento (carta) foi registrado na Vila de Jundiá a 27 de agosto de 1763.

Também andava a pesquisar ouro no ribeirão de Santa Ana o mesmo capitão Francisco Vieira da Costa, que pede e obtem prazo para socavar em terras para dar de manifesto o que encontrasse. Foi-lhe concedido, como pediu, prazo de seis meses, em despacho datado de Santa Ana, a 13 de janeiro de 1762, assinado pelo dito ouvidor-geral. Ao mesmo capitão há outra autorização do ouvidor Filgueiras, datada de São Paulo a 24 de setembro de 1763.

Andavam os paulistas, pois, em todo o sertão do Rio Grande. No dia 7 de junho de 1763, João do Prado Martins e sua mulher, Maria Rodrigues, vendem a Antônio Machado um sítio com todos os seus derivados e posses naqueles matos constantes pelo ribeirão chamado das Areias de Santa Ana. Acima a mão direita pelo preço e quantia de doze oitavas de ouro. É o documento registrado pelo tabelião Francisco Xavier de Almeida, na data mencionada, no Arraial de Nossa Senhora da Conceição de São Pedro de Alcântara e Almas do Novo Descoberto do Emboque.

---

<sup>10</sup> - A esse descoberto o governador D. Luís Diogo Lobo da Silva chamava de “Manoel Velho” e os paulistas de “São João”.

<sup>11</sup> - Docs. Ints., XI, pág. 66.

Por aquelas partes todas giravam os paulistas Pedro Franco Quaresma, Francisco Vieira da Costa, Manoel de Siqueira Gil, João do Prado Martins e Antônio Machado.

A única pessoa citada nos documentos contemporâneos como descobridor é Pedro Franco Quaresma. A região era um verdadeiro sertão, com muitos quilombos, grandes águas e florestas virgens, tornando penosa a travessia e exigindo grandes gastos.

Os descobertos da região entre o Sapucaí, o rio Grande, o Rio Pardo e o caminho dos Goiazes, foram feitos, como vimos, pelos paulistas e só uma única vez os mineiros se arrogaram tal ventura. Nem eles, jamais, discutiram esse ponto, mas a sua suzerania sobre os citados territórios, em virtude da divisão feita por Tomás Rubi e interpretada pelo governador D. Luís Diogo Lobo da Silva.

Em 1764 Pedro Franco Quaresma já não era juiz ordinário do novo Descoberto do Emboque, São João (Jacuí), Santa Ana do Sapucaí e mais descobertos daquele continente, onde estava em 1763. Mas devassou toda a região, e é possível que tenha chegado ao Bom Sucesso, onde descobriu ouro, de que se fez tanto alarde.

Uma carta com assinatura dos alferes comandante José de Araújo Ferraz<sup>12</sup>, de Mogi-Mirim<sup>13</sup>, datada de 20 de julho de 1820, revela que o então arraial de Jacuí foi descoberto por Pedro Franco Quaresma, em 1755. Estava ele, assim, bem próximo da região de Caconde. O mesmo documento informa que Cabo Verde foi descoberto em 1762 por Veríssimo João de Carvalho. Somente agora, com a revelação desse manuscrito, ficamos sabendo a idade dessa localidade mineira<sup>14</sup>.

Foi necessário recapitularmos a questão lindeira para podermos entender porque São Paulo efetuou a posse do território em que se situa Caconde., o qual sempre considerou seu, como todos os territórios aquém do rio Sapucaí, na conformidade do assento de 12 de outubro de 1765, lavrado pelo vice-rei, Conde da Cunha, baseado nas antigas penetrações paulistas.

Os fatos que se desenrolaram no sul de Minas, da banda de cá do mencionado rio, têm grande importância para a História de São Paulo e, particularmente, para a História de Caconde. Sem o seu conhecimento não poderemos ingressar no passado desta cidade e de numerosas outras que se situam na mesma área.

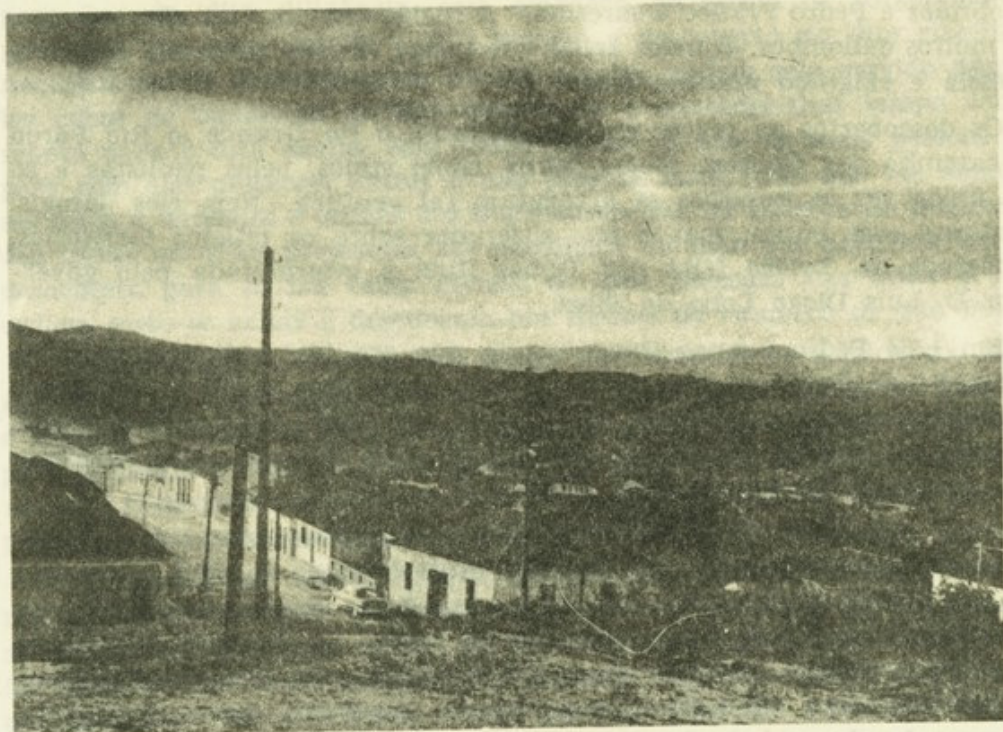
Estamos agora, em condições de acompanhar a luta imensa, árdua, braba, áspera, incansável, pela conquista e manutenção, pelos paulistas, desse pedaço de chão que era seu, uma vez que o descobriram e o possuíam e porque aguardavam, confiantes, em que el rei decidira favoravelmente a São Paulo, como propusera o Conde da Cunha, isto é, a divisão pelo Rio Sapucaí e pelo Rio Grande.

---

<sup>12</sup> - José de Araújo Ferraz – Em 15-3-1780, patente de alferes das \_\_\_\_ Ordenanças de Mogi-Mirim, de que era capitão Agostinho do Prado Vilas Boas (Arquivo, livro 22 fl. 150, caixa 10, ordem 368). Em 16-6-1803, patente de capitão da ---- de Ordenanças da Vila de Mogi-Mirim (Arquivo, livro 332, fl. 33 v., caixa 14, ordem \_\_2) – Provisão do emprego de juiz das demarcações de terras dadas de sesmaria da Vila de Mogi-Mirim (Arquivo, livro 39, fl. 7, caixa 18, ordem 376).

<sup>13</sup> - São José de Mogi-Mirim foi elevada a vila por Ordem Régia de 11 de outubro de 1769, sendo instalada a 22 do mesmo mês e ano, a ela incorporando Caconde em 1771.

<sup>14</sup> - Arquivo, caixa 27, ordem 259.



Rua Cel. Tito Leonel, vista do alto da Caixa d'Água — Fotografia tirada pelo autor deste livro provavelmente em 1946.